

ESTUDOS DE CASO

“Os jornalistas têm interesse em serem aceitos e reconhecidos como (bons) profissionais, quer aos olhos do colega (através de mecanismos como a progressão na carreira e o salário) quer aos olhos do público (posicionando-se como os únicos *profissionais* capazes de fornecer informação ‘jornalística’ de interesse público). Assim sendo, seriam capazes de sacrificar a necessidade que possam ter de agir sobre as dinâmicas sociais aos ‘ditames’ profissionais (reportar o ‘fato’ sem cair na ‘opinião’); seriam capazes de obedecer à política editorial da empresa que estão (registrada no manuais de redação e de estilo) mesmo que com ela não concordem, etc ”

(SOUZA: 2002-79)

Os manuais de redação pregam que o jornalismo objetivo e imparcial deve evitar adjetivos e expressões que conotem preconceito[1]. O Manual de Redação da Editora Abril define como o segundo, de três princípios:

“Como empresa, a Abril está empenhada em contribuir para a difusão da informação, cultura e entretenimento, para o progresso da educação, a melhoria da qualidade de vida, o desenvolvimento da livre iniciativa e o fortalecimento das instituições democráticas no país. Essa filosofia reflete-se no conteúdo de suas publicações, que não veiculam referências que possam ter conotações de preconceito racial, social ou religioso, nem de desrespeito aos direitos humanos universalmente aceitos.”[2]

No capítulo referente a “Estilo e Edição de Texto” o manual diz sobre adjetivos e advérbios: **“Procure escrever seus textos com substantivos e verbos. Use apenas os adjetivos e advérbios necessários”** [3] e na página seguinte, **“Combata sem tréguas o exagero e a desinformação”** [4].

[1] MARTINS, Eduardo. *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S.Paulo*. 3ª ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

[2] EDITORA ABRIL. *Manual de Estilo da Editora Abril*: como escrever bem para nossas revistas. 13ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p 15.

[3] *Idem*. p. 34

[4] *Idem*. p. 35

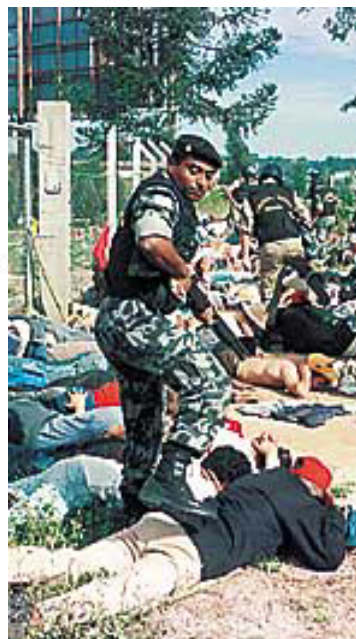
Revista Veja

Coberturas que mostram a ação ideológica e organizacional



<http://www.novae.inf.br/site/modules.php?name=Conteudo&pid=330>

Revista Veja: cobertura sobre o MST



“Soldado americano devidamente paramentado para enfrentar multidões e, à direita, um policial brasileiro em ação: diferença gritante”
Veja, Edição 1 648 - 10/5/2000.

“Com exceção dos governadores de São Paulo, Mário Covas, e do Paraná, Jaime Lerner, os responsáveis pelo comando das polícias nada fizeram para conter a baderna.”
Veja, Edição 1 648 -10/5/2000.

Revista Veja: cobertura sobre a Venezuela

Diogo Schelp, 30 anos (2006) , formado pela USP, com TCC orientado por Cremilda Medina em 1998. Trabalhou na Quatro Rodas e depois nas sucursais de Porto Alegre e Salvador, antes de assumir a editoria de Internacional de Veja



A matéria de **Veja** está carregada de adjetivos e não está livre de preconceitos. Na abertura da matéria, junto a uma foto de Chávez ao lado de Fidel Castro, ambos em uniformes militares, havia o seguinte texto :

“O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, há mais de seis anos no poder, **ameaça a estabilidade** da América Latina com o financiamento e o apoio a grupos **radicais** de países vizinhos, a formação de uma milícia civil, o uso do petróleo para **chantagear** as repúblicas da América Central e a aliança com a **ditadura cubana** de Fidel Castro, de quem se tornou um **clone malfeito e extemporâneo**”.

O primeiro parágrafo da matéria era. “Curiosamente, o único presidente de países americanos que é uma **bomba de efeito retardado**, o coronel pára-quedista Hugo Chávez [...]. Veio do meio militar e tornou-se um populista **autoritário e fanfarrão**.” No segundo parágrafo: “O coronel ainda não atingiu a sofisticação [...] de Fidel Castro, este sim [...] um **fóssil da Guerra Fria** que sobrevive em **sua ilha particular** como um **capataz magnânimo**, mas **repressor**”.

Na página 156 da edição, o texto era: “Chávez demonstra necessidade quase **patológica** de se exhibir como clone de Fidel Castro, o **decano dos ditadores**. Ambos se exibem em fardas militares e discursam por horas, misturando **banalidades** com assuntos de Estado. Não estivesse Caracas claramente substituindo Havana como **quartel-general da insurgência revolucionária**, tudo isso poderia ser mais uma **risível patuscada de repúblicas bananeiras**”.

Escolha das fontes: o uso de aspas de Andrés Oppenheimer, considerado “respeitado especialista em América Latina”, e colunista do **Miami Herald** que afirma ser “Chávez um Fidel Castro sem cérebro e com petróleo”.

Oppenheimer é colunista também do Nuevo Herald, jornal da comunidade anti-Castro de Cuba e autor do livro “A hora final de Fidel de Castro” (Touchstone/Simon & Schuster, 1993)

Na mesma edição, nas páginas amarelas, a secretária de Estado dos EUA é a entrevistada. Condoleezza Rice é considerada um falcão norte-americano, desde os episódios de 11 de setembro, foi árdua defensora da intervenção nos países do Oriente Médio, tanto que, após a saída do ex-general Collin Powell do cargo, por demonstrar fraqueza diante dos deslizes do exército norte-americano no Iraque ela era o melhor nome para devolver os EUA à posição de liderança na “cruzada contra o terror”.

A entrevista tem o título de “Operação Simpatia”, em alusão à tentativa de Rice de mostrar, nas palavras de **Veja** “a face mais humana do governo Bush”. A foto, ao contrário da expressão carrancuda de Chávez em tom vermelho sob uniforme militar, traz a secretária sorridente sobre fundo azul, trazendo nas mãos uma bandeira brasileira e duas bolas de vôlei, uma delas autografada pelos atletas brasileiros vencedores da medalha de ouro nas Olimpíadas de Atenas.

Veja adota o carinhoso apelido de “Condi” e a descreve numa sucessão de adjetivos: “ela vem cruzando o planeta como a face mais humana do governo Bush e grande propagadora das vantagens da democracia”. “Mesmo quando a missão inclui assuntos mais comezinhos [...] Condi tem se saído extraordinariamente bem”. E, ao contrário de Chávez, que foi classificado como fanfarrão e clone malfeito do totalitarismo, Condoleezza tem “uma espetacular história de sucesso que a precede [...] entrou na faculdade aos 15 anos, formou-se aos 19, doutorou-se com 26. Pianista, especialista em relações internacionais e fluente em russo, chegou a reitora de Stanford”.

“Mas o ódio de *Veja* tem por base um outro elemento, mais concreto. Chávez estragou uma capa que deve ter dado muita satisfação à alta direção da empresa da família Civita. Recordemos a chamada de capa do número 1.747, datada de 17 de abril de 2002. A edição fechava na noite de sexta-feira, 12 de abril. Menos de 20 horas antes, a oposição a Chávez – composta por membros do empresariado, em aliança com o alto comando das forças armadas, setores da burocracia petroleira e a Casa Branca – consumara um golpe que o retirara do palácio de Miraflores, acabando com as instituições democráticas do país. *Veja* não teve dúvidas. Sapecou na capa a chamada “A queda do presidente fanfarrão”.

[...] Que os Civita façam isso, é papel deles. Mais uma vez – chamando as coisas pelo nome – é papel de sua classe social. A matéria é assinada por Diogo Schelp, Ruth Costas e José Eduardo Barella. São contratados e fazem o que o patrão manda. Servir bem para servir sempre, parece ser o lema. Talvez acreditem no que escrevam. Mas não deixa de ser deprimente a existência de gente que tope assinar uma peça totalmente editorializada e anti-jornalística, apenas para manter seus proventos no fim do mês.

Gilberto Maringoni, jornalista e cartunista da Carta Maior, é doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP) e autor de “A Venezuela que se inventa – poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez” (Editora Fundação Perseu Abramo). em artigo publicado na Agência Carta Maior, 2 de maio de 2005. 8

Cobertura sobre Vedoin

A revista *CartaCapital*, na sua edição nº415, em matéria do jornalista Raimundo Rodrigues Pereira, o delegado da PF que passou as fotos do dinheiro (estrategicamente empilhado para dar impressão de "montanha" de dinheiro) procedeu de forma criminosa, pois, além de vaziar informações protegidas pelo segredo de justiça, disse aos repórteres que iria forjar um B.O. e comunicar aos seus superiores que o CD havia sido roubado. Mais ainda: pautou que a notícia tinha que sair no JN. No caso da Folha, a repórter que recebeu as fotos do delegado da PF e que o ouviu dizer que iria forjar um B.O. escreveu uma matéria no dia seguinte sustentando, difundindo e auferindo credibilidade à versão do delegado.



O repórter de Carta Capital

Jornalista, Raimundo Rodrigues Pereira, integrou a equipe que lançou a revista *Veja*, dirigiu os jornais *Opinião* e *Movimento*, a revista *Senhor*, a enciclopédia e o jornal *Retratos do Brasil*. Foi, também, repórter da revista *Realidade*, da *Ciência Ilustrada*, da revista *Istoé* e do *Jornal da Tarde*. Em 2003, dirige a *Oficina da Informação*, projeto que surgiu, em meados de 1997, apenas com um site de informações diárias na Internet e que em 2001 passou a editar também a revista mensal *Reportagem*.

Paralelos com as teorias do jornalismo. Sigilo da fonte e valor-notícia

Luiz Weis, Observatório da Imprensa : "(...) Os jornais e a emissora mostraram o dinheiro. Omitiram o que disse aos seus repórteres a fonte que lhes entregou o DVD[na verdade, um CD] com as fotos de pilhas de reais e dólares – e cujas palavras forma gravadas. (...) Não só seria eticamente correto, mas jornalisticamente indispensável, porque poria em evidência as motivações do policial e serviria de pista para tentar descobrir se ele agiu de comum acordo com interessados nos prováveis efeitos eleitorais da exibição pública das fotos. (...) Quando um jornalista fica sabendo, pela boca da própria fonte, que ela está mentindo, é seu dever elementar expor a mentira. Isso não representaria quebra de compromisso coisa nenhuma. Por não ter contado a verdade sobre o vazamento - preservado o nome do vazador - a mídia se acumpliciou com um trapaça"

Marcela Beraba, ombudsman da Folha: “A Folha podia ter publicado as fotos com a informação de que as tinha recebido de uma fonte que não podia aparecer. Não precisava coonestar a farsa armada pelo delegado. A imprensa deixou claro nesta eleição que, apesar do amadurecimento experimentado nas últimas duas décadas, continua preferindo uma fofoca, um bate-boca, um jogo de cena, uma pesquisa, uma pauta subordinada aos caprichos dos marqueteiros, ao trabalho estafante de pensar, refletir, analisar e investigar. Nesse sentido, ela sem dúvida também contribuiu para o clima deteriorado neste fim de campanha eleitoral.”

Paralelos com as teorias do jornalismo. Teoria organizacional

Marco Aurélio Weissheimer, Agência Carta Maior. **“Pensando como o patrão:** a censura é mais eficaz quando não tem necessidade de se manifestar, quando os interesses do patrão, miraculosamente, coincidem com os da "informação". Nesse caso, o jornalista fica prodigiosamente livre. E sente-se feliz. Como bonificação, concedem-lhe o direito de acreditar que é poderoso.

O delegado contou com a cumplicidade dos jornalistas para fazer de conta que as fotos tinham sido roubadas dele; no dia 29, dois dias antes da eleição, dia em que caiu o avião da Gol e morreram 154 pessoas, o Jornal Nacional omitiu a informação e se dedicou à cobertura da foto do dinheiro.

Os jornalistas envolvidos rejeitam categoricamente essas afirmações e garantem estar exercendo o seu trabalho de modo autônomo e independente. Talvez alguns até acreditem nisso, o que reforça a reflexão de sobre a nova forma de censura, onde os interesses do patrão e de seus empregados coincidem. Um dia, um estudante americano perguntou a Chomsky: "Gostaria de saber como a elite consegue controlar a mídia? Ele replica: Como é que ela controla a General Motors? A pergunta não tem razão de ser. A elite não precisa controlar a General Motors uma vez que é sua proprietária". O resultado desse processo: meios de comunicação de massa cada vez mais presentes, jornalistas cada vez mais dóceis, uma informação cada vez mais medíocre.